

Jussara Danielle Martins Aires
Doutora em Turismo pela Universidade de Aveiro (Portugal).
jussara.aires@ufma.br

Ana Paula Santos Silva
Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA/CCSB)
anasilva.3@hotmail.com

Thiago Pereira Lima
Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
tp.lima@ufma.br

André Camanguira Nguiraze
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
acamanguira@ufma.br

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar um panorama da pesquisa sobre nomadismo digital associado às perspectivas de trabalho no turismo nesta era de incertezas intensificadas com a pandemia de Covid-19. Especificamente, investiga-se se questões mais críticas acerca das perspectivas laborais no setor são contempladas no corpo de estudos sobre o tema. Metodologicamente, foi realizada uma revisão da literatura tradicional e sistemática. A última, seguindo o protocolo Prisma, permitiu a análise integral de 18 artigos selecionados a partir do Google Acadêmico. Verificou-se que a maioria das pesquisas são revisões conceituais. A definição do trabalhador nômade digital ainda está em construção, inexistindo consensos na literatura do Turismo. Há poucas pesquisas teórico-empíricas, sendo que dessas, a maioria está concentrada principalmente em países do Norte Global e trata-se de estudos de casos qualitativos. Permeados por um olhar romântico, estes estudos camuflam formas de exploração e precariedade, replicando a ausência de mecanismos de regulação e garantias da força de trabalho. Ademais, restringem superficialmente os desafios dos nômades digitais a saber conciliar continuamente suas dinâmicas laborais com as de lazer, bem como as necessidades pessoais com profissionais; ao passo que as discussões sobre os significados sociológicos dessas dicotomias, consequências e contradições emergentes desse contexto de (hiper)mobilidades físicas e virtuais permanecem incipientes.

Palavras-chave: Turismo; Perspectivas de trabalho; Nomadismo digital; Pandemia; Incertezas.

ABSTRACT

This article aims to present an overview of research on digital nomadism associated with labour prospects in tourism in this era of uncertainty intensified by the Covid-19 pandemic. Specifically, it investigates whether more critical questions about labour prospects in the sector are contemplated in the body of studies on the subject. Methodologically, a traditional and systematic literature review was carried out. The latter, following the Prisma protocol, allowed the full analysis of 18 articles selected from Google Scholar. It was found that most of the studies are conceptual reviews. The definition of the digital nomad worker is still under construction and there is no consensus in tourism literature. There is little theoretical-empirical research, most of which is concentrated mainly in countries of the Global North; they are qualitative case studies. Permeated by a romantic outlook, they camouflage forms of exploitation and precariousness, replicating the absence of



mechanisms to regulate and guarantee the labour force. Furthermore, they superficially restrict the challenges of digital nomads to knowing how to continually reconcile their work and leisure dynamics, as well as personal and professional needs; while discussions about the sociological meanings of these dichotomies, consequences and contradictions emerging from this context of physical and virtual (hyper)mobility remain incipient.

Keywords: Tourism; Labour perspectives; Digital nomadism; Pandemic; Uncertainties.

RESUMEN

Este artículo pretende presentar una visión general de la investigación sobre el nomadismo digital asociada a las perspectivas laborales en el turismo en esta era de incertidumbre intensificada por la pandemia del Covid-19. En concreto, investiga si en el conjunto de estudios sobre el tema se contemplan cuestiones más críticas sobre las perspectivas laborales en el sector. Metodológicamente, se llevó a cabo una revisión bibliográfica tradicional y sistemática. Esta última, siguiendo el protocolo Prisma, permitió el análisis completo de 18 artículos seleccionados de Google Scholar. Se constató que la mayoría de los estudios son revisiones conceptuales. La definición del trabajador nómada digital está aún en construcción y no existe consenso en la literatura turística. Existen pocas investigaciones teórico-empíricas, la mayoría de las cuales se concentran principalmente en países del Norte Global; son estudios de caso cualitativos. Impregnados de una mirada romántica, camuflan formas de explotación y precariedad, replicando la ausencia de mecanismos de regulación y garantía de la mano de obra. Además, restringen superficialmente los retos de los nómadas digitales a saber conciliar continuamente sus dinámicas de trabajo y ocio, así como sus necesidades personales y profesionales; mientras que los debates sobre los significados sociológicos de estas dicotomías, consecuencias y contradicciones que emergen de este contexto de (hiper)movilidad física y virtual siguen siendo incipientes.

Palabras clave: Turismo; Perspectivas laborales; Nomadismo digital; Pandemia; Incertidumbres.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, o turismo é apontado, a nível dos países ao redor do mundo, como um dos setores econômicos mais promissores, dinâmicos e resilientes, dada a sua capacidade de geração de inúmeros postos de trabalho (formal e informal), renda e divisas para os territórios em que se insere, mesmo em tempos de incertezas (IRVING; COELHO; ARRUDA, 2020 HANNONEN, 2020; SANTOS, 2023). Em virtude disso, o complexo setor, englobando uma grande variedade de segmentos e atividades características e de apoio ao consumo no contexto de viagens, vinha sendo realçado pela grande mídia e, não raro, em discursos políticos e governamentais como tábua de salvação (DANTAS, 2005; PEQUENO, 2023). No entanto, essa consideração, ganhando maior notoriedade por parte dos pesquisadores, passou a ser mais bem repensada, em meio a uma crise global e sem precedentes, que impulsionou a alteração brusca das próprias dinâmicas laborais do setor.

Desde que a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia de Covid-19, impedindo diferentes formas de mobilidade do turismo internacional, basicamente emergiram dois tipos opostos de discussão: um focando em como voltar à "normalidade", e outro em como transformar esta crise em uma oportunidade para redesenhar o turismo (VOLL; GAUGER; PFNÜR, 2022). De todo modo, as restrições à mobilidade levaram à criação de um cenário voltado para testar diferentes nuances do trabalho remoto ou teletrabalho, levando à multiplicação do número de nômades digitais (SHAWKAT *et al.*, 2021).



Os chamados “nômades digitais” constituem um grupo variado de trabalhadores (desde *freelancers*, terceirizados a empresários), comumente caracterizados como “livres”, que usam a tecnologia digital e precisam de uma conexão de Internet de alta qualidade para poder desenvolver tanto um estilo de vida profissional quanto um estilo de vida social on-line e off-line, enquanto viajam (ALMEIDA *et al.*, 2021). Esse novo tipo de força de trabalho dispersa tem se mostrado uma tendência crescente no mundo inteiro. A forma e velocidade em função do curto espaço de tempo com que circula e define padrões e estilos próprios de consumo nos territórios (cidades, regiões e países) por onde passa merece uma atenção especial (GOMES, 2019).

O nomadismo digital tem no turismo, um campo fértil, digno de análises e discussões por três razões principais. A primeira delas é que o turismo é um setor complexo, a englobar um conjunto de atividades econômicas (comércio, indústria e, predominantemente, prestação de serviços) e foi, consensualmente, um dos setores mais prejudicados com a pandemia de Covid-19 (AIRES; COSTA; BRANDÃO, 2022), de forma que muitos efeitos relacionados às perspectivas laborais e/ou de qualidade de vida no trabalho permanecem ainda ocultos ou negligenciados, comprometendo a elaboração de políticas e soluções sustentáveis de intervenção. Como sugere Antunes (2020), refletir sobre o (des)valor do trabalho nessa era de crise e incertezas, por nós já experimentada, antes mesmo da pandemia é oportuno para se conceber caminhos favoráveis à perspectivas laborais (atuais e futuras) socialmente decentes no setor.

A segunda razão, que está interrelacionada, diz respeito à escassez de estudos com um olhar mais crítico voltado a investigar as reais condições do trabalho em turismo, confirmando ou refutando a ocorrência de condições laborais socialmente justas no setor. Partimos do pressuposto de que na literatura do Turismo, predomina ainda uma visão economicista destacando discursos românticos sobre a capacidade de resiliência e superação da atividade turística, sobretudo, no que tange às suas dinâmicas de empregabilidade. A terceira razão, se apoia em escassas evidências teórico-empíricas anteriores, realçando a necessidade de se questionar a supervalorização dessa geração de empregos e trabalho.

Com base nisso, este trabalho tem como objetivo geral apresentar um panorama da pesquisa sobre nomadismo digital associado às perspectivas laborais no turismo nesta era de incertezas intensificadas com a pandemia de Covid-19. Mais especificamente, buscou-se investigar se questões mais críticas acerca das perspectivas de emprego e trabalho no setor são contempladas no corpo de estudos sobre o tema.

Grande parte da literatura sobre o nomadismo digital está fragmentada e dispersa por diferentes disciplinas e perspectivas (HANNONEN, 2020; WILLMENT, 2020; ALMEIDA *et al.*, 2021). Compreendê-las é importante para ampliar e consolidar o corpo de estudos, envolvendo



definições (SHAWKAT *et al.*, 2021) e reflexões mais críticas para enriquecer o debate sobre as perspectivas e condições de trabalho no campo do conhecimento em Turismo.

Secundariamente, o trabalho se concentra na análise não apenas de um novo segmento do turismo, mas também na investigação de um novo conceito de mobilidade que desafia o perfil convencional de um turista ou visitante e oferece novas oportunidades de fazer e repensar a própria definição de consumidor no turismo, superando as limitações de sentido estabelecidas pelos organismos oficiais do setor, a exemplo Organização Mundial do Turismo – OMT (GOMES, 2019).

Também se espera que análises e discussões decorrentes deste trabalho possam orientar o desenvolvimento de iniciativas práticas e estratégias para o planejamento e execução sustentável do turismo tanto ao nível de destinos rurais quanto urbanos (SITUMORANG; KARTHANA, 2021; ZERVA; HUETE; SEGOVIA-PÉREZ, 2023). Face ao exposto, parte-se da seguinte questão-problema: que conceitos, abordagens, perspectivas e desafios a literatura sobre nomadismo digital associada a perspectivas de trabalho no turismo têm mostrado, a partir do contexto da pandemia da Covid-19? O artigo está estruturado em cinco seções: esta introdução (primeira), a revisão da literatura (segunda), a metodologia (terceira), os resultados e discussão (quarta) e finalmente, as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A perspectiva crítica acerca das características do trabalho (in)decente em turismo

Para fins desta pesquisa, definiu-se a perspectiva crítica, como aquela que invoca princípios da teoria crítica, a qual desafia os pressupostos normativos da forma como ordens sociais no âmbito particular do mercado de trabalho, são organizadas, investigando, pois, as raízes estruturais da desigualdade e dos desequilíbrios de poder. Tal perspectiva se define pela sua defesa e sintonia com as sensibilidades sociais, que se mostram coerentes para fortalecer o corpo de estudos no campo do conhecimento no Turismo, contido no rol das Ciências Sociais Aplicadas. Constatação essa, apontada por Ladkin (2011).

Ladkin (2011) foi um dos primeiros teóricos a se debruçar sobre a exploração e a chamada condição do trabalho (in)decente no turismo, evidenciando a escassez de envolvimento acadêmico crítico com a respeito desse tema, uma preocupação posteriormente destacada por vários autores com um crescente sentido de incredulidade. Ladkin (2011), bem sinalizou a necessidade de se recorrer a fontes multidisciplinares, especialmente sob as lentes das Ciências Humanas, para compreender os desafios que se colocam na explicação das questões laborais do turismo.

É consenso universal que todo o trabalho formal (e mesmo, informal – cujas taxas são bastante expressivas) é gerado a partir da cadeia misturada e interligada de empreendimentos pertencentes a



segmentos ou ramos de atividades diversos, a exemplo da hospedagem, restauração, agências de viagens, transportes, serviços culturais, lazer e entretenimento, eventos, comércio varejista e outros – referidos na Conta Satélite de Turismo a nível dos países. Esses segmentos todos contemplam três tipos de atividades econômicas: características (voltadas exclusivamente para atender necessidades de turistas e visitantes), conexas e específicas do turismo (não voltadas necessária e diretamente a atender necessidades de turistas e visitantes, mas que acabam por apoiar a sua estadia e consumo nas localidades receptoras (AIRES *et al.*, 2022).

Numa perspectiva ampla e contextual, Paula (2018), pontua que, somente em Atividades Características do Turismo (ACT) – no ambiente de trabalho formal no Brasil, um país de dimensões continentais, há cerca de 2 milhões de empregos. A autora, no entanto, chama atenção para as condições deles, realçando que há cargas horárias intensas, salários baixos, alta taxa de rotatividade e, também, desigualdade de gênero, o que torna, no geral, o ofício precário, ineficiente e inseguro para os trabalhadores. Vale salientar, inclusive, que seguindo uma tendência universal, a remuneração média dos homens costuma ser, mais alta do que a das mulheres em todas as ACT (PAULA, 2018). Esses se configuram como os principais fatores que precarizam o trabalho no turismo. Corroborando e complementando essas evidências, Dantas (2005) e Meliani (2021), sinalizam que sobretudo, em países ou territórios do Sul Global, é nítida, a ausência ou insuficiência de mecanismos legais, de fiscalização, controle e regulação das chamadas condições dignas de trabalho, capazes de proporcionar garantias, prestígio e reconhecimento aos trabalhadores.

As referidas condições do trabalho em turismo, historicamente são concebidas e classificadas como precárias por contrariar o sentido e premissas do chamado “trabalho digno”. Embora o significado de “trabalho digno” permaneça na literatura das Ciências Sociais e Humanas, ainda pouco claro, a maioria das definições inclui, em termos gerais, aspectos de respeito individual e coletivo, bem como trabalho seguro, justo, produtivo e significativo em condições de proporcionar liberdade, honra e senso de realização aos indivíduos (WINCHENBACH; HANNA; MILLER, 2019). Di Fabio e Maree (2016) reúnem dimensões psicológicas, organizacionais e sociais na sua definição de trabalho digno. O trabalho digno ou decente aparece no centro do debate sobre a sustentabilidade no turismo, se destacando com um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (OSD) e pauta da Agenda 2030. Mas, ainda tem recebido pouca atenção acadêmica conceitual da comunidade acadêmica na área de Turismo, fato preocupante (ROSEN, 2012; BAUM *et al.*, 2016; WINCHENBACH *et al.*, 2019).

A noção de precariedade, que se opõe à noção de trabalho digno, é claramente realçada em textos no campo da Ciências Sociais e Humanas como formas laborais não envolvidas em processos de negociação formais, sujeita a condições de trabalho indecentes, rapidamente alteráveis, inseguras, sem limites de jornada de trabalho, sem direitos a férias e outras proteções, sem uma legislação sólida



que proporcione proteção e garantias aos trabalhadores e sem permitir que eles tenham acesso a sindicatos. Criam-se assim, novos obstáculos à organização do trabalho (ANTUNES; BRAGA, 2009; LIMA; OLIVEIRA, 2017; LIMA; BRIDI, 2018)

O trabalho desenvolvido pelos nômades digitais, eufemisticamente chamados de “parceiros”, “colaboradores” e “empreendedores”, possibilita a transferência de parte dos custos e dos riscos da atividade econômica ao empregado (LIMA; BRIDI, 2019). Em países do Sul Global, a exemplo do Brasil, isso é incompatível com os direitos constitucionais, já que violam os direitos humanos fundamentais.

A automação e a robótica já eliminaram diversos cargos na prestação de serviços turísticos, e os chamados trabalhadores do conhecimento poderão ser dispensados pela utilização da mesma tecnologia. Mais do que nunca nesta era de incertezas, percebe-se uma desvinculação entre produtividade e emprego. E, sem empregos, a própria noção de consumo desenfreado que nutre o sistema capitalista, fica comprometida. Essa é uma questão antiga e sempre retomada no debate sobre as crises cíclicas do capitalismo (RIFKIN, 2016).

As novas ocupações que surgem vinculadas as novas tecnologias, exigem, de um lado, profissionais altamente qualificados e, de outro, trabalhadores especializados, que criam problemas para eles mesmos, no sentido de ser um trabalho sem fim, no qual jornadas se borram, e a vida pessoal é colonizada pelo trabalho: trabalha-se o tempo todo, mesmo quando se acha que se trata de uma diversão, um trabalho flexível e privilegiado. Ainda que dominem os processos e dinâmicas, trabalhadores são forçados a vender sua força de trabalho, e é o mercado quem determina o seu preço (FLECKER, 2016; RIFKIN, 2016; LIMA; BRIDI, 2019).

A precariedade se encontra nos processos e condições de trabalho, no tempo necessário para sua produção, nas modalidades de contratação e nas relações de trabalho extenuantes, nervosas, emocionais. Em alguns trabalhos do setor turístico, em segmentos como operadoras de viagens e transportes, a padronização é quase total, com trabalho altamente *taylorizado*. Mesmo, nos casos de trabalho formalizado, a formalização atenua, mas não elimina a precariedade. A digitalização da economia, com realce a adesão de usuários às redes sociais, tem a potencialidade de virem a se constituir numa arma poderosa para trabalhadores e sindicatos resistirem à exploração sem fim vislumbrada pelos novos rumos de uma sociedade informacional, na qual a tecnologia, por um lado, facilita a vida e, por outro, a precariza (OLIVEIRA, 2017; LIMA; BRIDI, 2019).

3. METODOLOGIA

Para cumprir o objetivo proposto e responder à questão-problema do estudo, optou-se por realizar uma revisão de literatura de duas diferentes formas: tradicional e sistemática. Partiu-se da



seguinte questão-problema: “a perspectiva crítica acerca das características do trabalho (in)decente ou precário associado ao nomadismo digital no setor turístico tem sido contemplado na literatura do Turismo, nestes atuais tempos de incertezas, agravados com a pandemia?”

Num primeiro momento, foi feita a revisão do tipo narrativa ou tradicional, importante para reunir e articular pressupostos teóricos, a partir da busca exploratória e aleatória e análise junto a textos científicos (teses, dissertações, monografias, livros e artigos) impressos e/ou digitais. Essa estratégia foi crucial para a construção do referencial teórico contendo insights críticos acerca das perspectivas de trabalho em turismo a serem confrontados com a abordagem temática dos trabalhos posteriormente capturados na Revisão Sistemática da Literatura (RSL).

Na primeira busca exploratória, a partir da revisão tradicional da literatura, cerca de 15 publicações de referência sobre a perspectiva crítica do trabalho em turismo foram verificadas, a partir da base *Google Acadêmico*, eleita como a base de dados para fins desta pesquisa por ser considerada uma das mais relevantes e acessadas do mundo (SILVA; AIRES, 2024).

Num segundo momento, realizou-se a RSL, definindo um protocolo de pesquisa, com filtros ou critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos. A escolha desse protocolo levou em conta o fato de ele realçar a devida transparência, objetividade e capacidade de replicação metodológica que uma revisão de literatura deve ter (BARBOSA *et al.*, 2019; KRAUS; BREIER; DASÍ-RODRÍGUEZ, 2020), permitindo o alcance de respostas mais generalistas à questão de pesquisa, que não seriam possíveis de serem respondidas por um único estudo empírico ou primário. Atendendo às recomendações de Edwards *et al.* (2002) e Felizardo *et al.* (2017), o cumprimento das etapas de captura, análise e seleção dos estudos a serem incluídos na RSL contou com o apoio e empenho de mais de um revisor. Três professores e pesquisadores experientes na temática e com nível de doutorado se debruçaram nessa tarefa.

O processo de seleção dos estudos, através da RSL, se deu ao longo de 4 fases: identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. A pesquisa, incluindo essas etapas foi realizada no mês de abril de 2023, sendo que a literatura foi novamente revisada nos dois meses consecutivos (maio e junho de 2023). Na fase de identificação, 144 trabalhos foram capturados, a partir da definição e uso de uma combinação de palavras-chaves, nomeadamente “*Digital Nomadism*” (Nomadismo Digital), “*Tourism*” (Turismo) e “*Covid-19*” separadas pelo conectivo “*AND* (e)”. Os critérios de busca foram configurados para aparecer no título, resumo e palavras-chave dos trabalhos na base *Google Acadêmico*. A escolha das palavras-chave em inglês se justifica pelo fato de esta ter alcançado um número significativamente mais expressivo de publicações do que em português.

Foi feita uma análise quantitativa de artigos científicos publicados a partir de 2020 até junho de 2023. Capítulos de livros, resumos apresentados em eventos, relatórios técnicos de pesquisa, teses e dissertações foram excluídos de análise (17) e assim, restaram 127 artigos centrados, sobretudo, nas



áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Sociais, Artes e Humanidades, Ciências da Saúde, onde estavam majoritariamente inclusas áreas como Turismo, Administração, Psicologia e Medicina.

O segundo filtro aplicado foi referente ao idioma. Dos 127 artigos, 3 eram em mandarim, croata e russo e o restante em inglês. Assim, optou-se por considerar apenas artigos em inglês (124). Essa escolha é justificada pelo fato de o inglês ser um idioma universal e a grande maioria dos artigos capturados estarem nesse idioma. Os 124 artigos foram analisados e percebeu-se que havia 5 ocorrências de duplicação, pelo que o número de artigos selecionados caiu para 119.

O terceiro filtro aplicado, esteve relacionado à abordagem temática, que foi apreendida através da leitura dos títulos e resumos dos artigos, observando-se ainda se as palavras-chave estavam minimamente alinhadas ao objeto da pesquisa. Foi feita a leitura dos resumos dos 119 artigos e então, o número de trabalhos considerados relevantes para a análise integral reduziu para 13. A principal justificativa para a exclusão dos 106 demais artigos se deveu ao fato de estes apresentarem as seguintes abordagens: 1) foco em crises políticas ou na conjuntura de deslocamentos turísticos presenciais antes, durante ou depois da pandemia de Covid-19; 2) foco nos desafios restritamente relacionados à criação de novos conceitos e modelos de negócios em turismo, desconsiderando perspectivas laborais; 3) Nomadismo digital não associado a práticas de turismo e/ou lazer; 4) foco nos efeitos do teletrabalho (em segmentos não turísticos) na saúde dos trabalhadores; 5) Impactos do turismo na mudança climática; 6) foco em Gestão de Talentos em Turismo sem relação com o nomadismo digital e, 7) foco nos aspectos do Nomadismo digital sem nenhuma relação com o período pandêmico ou pós-pandêmico.

Vale destacar que mais cinco artigos foram selecionados, a partir das referências dos 13 artigos parcialmente selecionados. Dessa forma, finalmente, 18 foram considerados relevantes para a leitura completa. Por conseguinte, para facilitar a sistematização dos dados, foram elaboradas tabelas no Excel de modo a preencher as seguintes informações: 1) objetivo; 2) Contexto (país, região ou continente); 3) Tipos de dados (primários e secundários); 4) Metodologia (instrumentos, abordagem, coleta e análise dos dados) e 5) Principais resultados e constatações dos artigos selecionados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro resultado decorrente da RSL, aqui empreendida, está relacionado ao número de publicações sobre o nomadismo digital associado às perspectivas de trabalho em turismo nesta era de incertezas intensificadas com a pandemia de Covid-19. Uma maior concentração de publicações sobre o tema foi observada no período compreendido entre de anos 2020 e 2022. Como o intervalo de tempo



dos trabalhos analisados foi intencionalmente definido, tendo como contexto de referência, o período pandêmico, iniciado nos fins de 2019 a 2021, provavelmente, seria uma constatação ofuscada considerar que houve um aumento do interesse de pesquisadores em desenvolver estudos sobre o tema, ainda que a captura dos trabalhos tenha considerado o período até junho de 2023.

O segundo resultado diz respeito às principais abordagens temáticas centrais contempladas nos artigos sobre o tema, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 - Objetivos em função do contexto geográfico das pesquisas

Objetivo	Contexto	Autores
Investigar a popularização do nomadismo digital e a influência do estilo de vida nômade digital no equilíbrio entre trabalho e lazer	Liubliana, Leipzig, Berlim e Praga	Orel (2019)
Investigar o impacto da pandemia de Covid-19 nas práticas de trabalho e nos estilos de vida dos trabalhadores nômades digitais (DN).	América	Almeida <i>et al.</i> (2021)
Criar uma classificação atualizada do nomadismo digital contemporâneo que reconhece o amplo espectro de indivíduos, grupos, comunidades, identidades e imaginários rotulados com o termo nômade digital.	EUA, Europa Reino Unido, Austrália e Coreia do Sul	Cook (2020; 2023)
Oferecer uma visão geral do que já se sabe sobre o nomadismo digital até o momento e o que os estudiosos da migração devem considerar seriamente sobre esse tópico nos próximos anos	-	Dreher; Triandafyllidou (2020)
Analisar o nomadismo digital contra a variedade de mobilidades contemporâneas lideradas pelo estilo de vida e trabalho independente de localização para desenvolver uma perspectiva abrangente do fenômeno	-	Hannonen (2020)
Discutir questões de pesquisa que contribuem para a investigação acadêmica sobre a interdependência da mobilidade e da tecnologia necessárias às práticas laborais no turismo atuais e futuras	-	Hermann e Paris (2020)
Apresentar uma investigação sobre as nuances do autoapresentação e das performances inerentes ao trabalho de blogueiros de viagens, através da lente do nomadismo digital.	-	Willment (2020)
Examinar o estado atual da investigação sobre os trabalhadores nômades digitais e seus conceitos na área dos sistemas de informação (SI).	-	Shawkat <i>et al.</i> (2021)
Analisar os esforços para redesenhar e desenvolver produtos de turismo rural com base no nomadismo digital na aldeia de Tegalmengkeb após a pandemia de Covid-19	Tegalmengkeb (Bali Central)	Situmorang e Karthana (2021)
Apresentar um panorama histórico da tendência crescente das pessoas estarem suscetíveis a uma vida baseada em veículos, centrada nos trabalhadores de idade madura, hiper-móveis e que trabalham por conta própria.	-	Eager, Maritz e Millemann (2022)
Discutir a forma como as práticas de trabalho remoto e de turismo impulsionadas pela pandemia aumentaram a procura de aluguéis de curta duração e de segundas residências em zonas rurais/litorais, bem como em várias cidades desejáveis.	Europa	Colomb e Gallent (2022)
Investigar as características dos trabalhadores nômades digitais e das políticas desenvolvidas para atraí-los durante a crise sanitária	Espanha	Parreño-Castellano, Domínguez-Mujica e Moreno-Medina



		(2022)
Fornecer uma base descritiva coerente, uma definição do trabalhador nômade digital e uma classificação do trabalho remoto em grupo	-	Voll, Gauger e Pfnür (2022)
Apresentar uma revisão teórica integrativa abrangente de várias correntes da literatura explorando a combinação trabalho-lazer associado ao nomadismo digital	-	Smith <i>et al.</i> (2022)
Investigar a inovação no setor de turismo, concentrando na análise dos nômades digitais como um novo conceito de mobilidade e oferece novas oportunidades para os destinos.	-	Zerva, Huete e Segovia-Pérez (2023)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Observou-se que apenas 8 dos 18 artigos analisados delimitaram seu *lôcus* de pesquisa empírica. Esse contexto não necessariamente corresponde ao país de origem dos autores, mas, à maior incidência e concentração de pessoas com o perfil de nômades digitais, sinalizado por fontes secundárias ou sites de domínio público. O Norte Global foi mais contemplado dentre essas pesquisas e especialmente países como Estados Unidos, Reino Unido, Espanha, Eslovênia, Alemanha e República Checa foram mais realçados. No entanto, não foram observadas nas abordagens conceituais, o detalhamento referente às condições de trabalho no setor, capazes de qualificá-lo como (in)decente nos moldes da perspectiva crítica.

O terceiro resultado diz respeito à apreensão de como os trabalhadores nômades digitais têm sido definidos na Literatura do Turismo. No geral, os nômades digitais aparecem referidos como trabalhadores móveis, teletrabalhadores, um híbrido de um empresário itinerante e um mochileiro ou ainda, trabalhadores independentes ou remotos (HANNONEN, 2020). Para Voll, Gauger e Pfnür (2022), essa definição decorre do fato de o Nomadismo Digital consistir numa forma facilitada da combinação dos domínios do trabalho, do lazer e da vida privada e social das pessoas com um objetivo turístico. Para Mancinelli (2020), os trabalhadores nômades digitais são pessoas que, aproveitando as vantagens das tecnologias de computação portátil e do amplo acesso à Internet, podem trabalhar remotamente de qualquer lugar e usar essa liberdade para explorar o mundo (Mancinelli, 2020). Também com um olhar pouco crítico e romantizado, em Orel (2019), os trabalhadores nômades digitais representam uma sociedade moderna de "conhecedores" em busca do novo conhecimento. Nesse sentido, são destacados o "novo" trabalho e a educação, cujas fronteiras entre lazer, viagem e trabalho possuem limites tênues. Esse novo tipo de força de trabalho dispersa tende a se fundir com a área geográfica ou o ambiente selecionado por um breve período e, com isso, utilizar sua infraestrutura logística e digital para manter estilos individualizados.

Superficialmente, a literatura do Turismo comumente, também destaca que o nomadismo digital trouxe uma nova forma de turismo criativo, que emancipa o envolvimento dos indivíduos na



vida criativa do destino e a interação com as comunidades locais por meio da troca de conjuntos de habilidades e ideias sinergicamente, usando com frequência espaços de compartilhamento. No entanto, os fatores motivacionais por trás do uso de espaços laborais locais de compartilhamento ainda não estão claros, assim como os benefícios e riscos oferecidos por esses ambientes de escritório ingenuamente caracterizados como “flexíveis” (OREL, 2019), o que reforça o pouco ou nenhum criticismo aplicado à definição.

Outra consideração muito reforçada e presente nos trabalhos é que como consequência do rápido crescimento do nomadismo digital, vários destinos têm reorientado sua estratégia de marketing e se apresentaram como destinos "amigos do nômade digital", investindo em propagandas (de larga escala) para atrair pessoas a localidades tidas como “ideais” para se viver e trabalhar. Nessa linha, os autores reforçam que os espaços urbanos foram os primeiros a reagir a esta nova demanda devido aos padrões de infraestrutura existentes, enquanto os territórios rurais vêm aos poucos entrando no jogo mesmo ainda sem muita preparação devido à necessidade de escapar dos efeitos da pandemia, considerados como áreas isoladas e seguras (ZERVA, HUETE, SEGOVIA- PÉREZ, 2023). Em suma, pode-se dizer que maioria das pesquisas analisadas são revisões conceituais e sinalizam que a definição do trabalhador nômade digital ainda está em construção, inexistindo consenso conceitual na literatura do Turismo.

Em termos metodológicos, como revisões conceituais ou estudos de caso desenvolvidos predominantemente sob a abordagem qualitativa, os artigos que discutem direta ou indiretamente o nomadismo digital associado a perspectivas de trabalho no turismo buscam confirmar ou consolidar constatações de estudos prévios. Em todos os casos, os autores recorrem a uma revisão de literatura. Nesse sentido, o que muda de um trabalho a outro são os instrumentos e técnicas de análise para o cumprimento do objetivo central proposto. Muitos outros trabalhos, sem investir na coleta de dados empíricos, focam na discussão de dados de autoria de terceiros (tais como imagens, conteúdos de plataformas e redes sociais etc.). Nesse caso, incluem as pesquisas de autores que analisaram dados meramente secundários ou primários e secundários conjuntamente, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Tipo de dados, método de coleta e fontes

Tipo de dados	Tipo de método de coleta de dados e fontes	Autores (ano)
Primários	Estudos de caso, Entrevistas e <i>Surveys</i> , etc.	Voll, Gauger e Pfnür (2022)



Secundários	Dados quantitativos e/ou qualitativos na forma de postagens e imagens fornecidos por redes sociais ou outras fontes virtuais e revisões conceituais e de literatura; estudos de casos etnográficos.	Hannonen (2020); Hermann e Paris (2020); Korpela (2020); Dreher e Triandafyllidou (2020); Shawkat <i>et al.</i> (2021); Eager, Maritz e Millemann (2022); Smith <i>et al.</i> (2022); Colomb; Gallent (2022); Zerva, Huete e Segovia-Pérez (2023)
Primários e secundários	Estudo de casos etnográficos; netnografias, observação participante, Análise de conteúdos em plataformas virtuais, sites, fóruns, eventos especializados, entrevistas e/ou questionários de estudos de caso em conjunto com revisões de literatura	Orel (2019); Cook (2020; 2023); Mancinelli (2020); Willment (2020); Almeida <i>et al.</i> (2021); Situmorang e Karthana (2021); Parreño-Castellano, Domínguez-Mujica e Moreno-Medina (2022)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

As pesquisas de natureza empírica que se valem da coleta de dados primários sobre nômades digitais ainda são escassas (SITUMORANG; KARTHANA, 2021). Dos 18 trabalhos analisados, apenas 7 desenvolveram pesquisa empírica, coletando dados primários. A maioria das pesquisas empíricas tem analisado os dados, adotando a técnica de Análise de Conteúdo, coletando dados de forma on-line e a partir de roteiros de questões para entrevistas semiestruturadas em profundidade. Outras técnicas como análise de fóruns on-line de nômades digitais ou uma combinação de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo em sites, redes e plataformas virtuais foram expressivamente observadas (COOK, 2020; 2023).

No geral, as pesquisas que acompanham os trabalhadores nômades digitais no turismo não têm ultrapassado o período de quatro anos, e assim pode-se dizer que não oferecem, ainda, uma perspectiva longitudinal (COOK, 2020). Trata-se de estudos exploratórios com abordagem meramente qualitativa e fazendo uso de múltiplas técnicas também dessa natureza. O conhecimento relacionando nomadismo digital e turismo nesse atual contexto de crise e incertezas, tem levado os autores a investirem mais em técnicas capazes de coletar e apreender dados em profundidade, em que se realçam as entrevistas e observação participante na realização de estudos de casos etnográficos ou netnográficos. Reforça-se que a Análise de Conteúdo verbal ou não verbal e o interpretativismo como caminhos metodológicos sob as lentes da abordagem qualitativa, foram expressivas e predominantes.

Finalmente, a síntese dos principais resultados e constatações dos artigos analisados são mostradas no Quadro 3.

Quadro 3 - Principais resultados e conclusões

Autores (ano)	Principais resultados e conclusões
Orel (2019)	Os mecanismos de mediação dentro dos espaços de <i>coworking</i> têm resultados positivos, na capacidade criativa, de inovação, na produtividade, na propensão para sociabiliza e ampliar a rede de contatos e no bem-estar dos nômades digitais.



Cook (2020)	Na prática, o nômade digital nem sempre é vivenciado como autônomo e livre, mas como um modo de vida que exige altos níveis de disciplina e autodisciplina. Os nômades digitais geralmente ignoram o papel das práticas disciplinadoras quando começam a trabalhar e não preveem como o trabalho em locais de lazer e turismo pode tornar problemático o gerenciamento do equilíbrio entre trabalho e não-trabalho. À medida que o tempo passa e os locais das pessoas mudam, o mesmo acontece com suas perspectivas e subjetividades.
Dreher e Triandafyllidou (2020)	Apesar da atenção da mídia ao tema do nomadismo digital ter aumentado nos últimos anos, os estudos acadêmicos sobre nômades digitais são limitados. O que existe aparece principalmente na literatura de Negócios e Administração, especialmente em periódicos focados em Tecnologia da Informação (TI) e Turismo, bem como no subcampo sociológico dos estudos de lazer.
Hannonen (2020)	Um número limitado de estudos empíricos sobre ND restringe o escopo da discussão analítica sobre o tema, que é novo. No entanto, há muitas abordagens e definições sobre ND tornam a prática ambígua.
Hermann e Paris (2020)	Os nômades digitais simbolizam a sociedade líquida contemporânea, na qual os indivíduos estão continuamente "em movimento. Aparentemente, o que torna esse estilo de vida tão adequado e atraente para muitos é uma combinação de várias tendências estruturais mais amplas, incluindo a globalização, as inovações tecnológicas e as mudanças nos arranjos do trabalho e da vida social.
Korpela (2020)	O estilo de vida móvel transnacional não é apenas uma escolha individual, mas está inserido em estruturas políticas e econômicas que permitem e limitam ações dos nômades digitais. É preciso prestar atenção às estratégias de renda das pessoas e ao sistema de estado-nação prevalecente.
Mancinelli (2020)	Em vez de um desafio ao sistema capitalista, o nomadismo digital é uma adaptação oportunista aos impactos neoliberais.
Willment (2020)	O nomadismo digital pode ser usado para potencializar a exploração e reimaginação dos desempenhos no local de trabalho dos blogueiros de viagens.
Almeida <i>et al.</i> (2021)	A Covid-19 é uma oportunidade para testar o estilo de vida dos Nômades Digitais reais e potenciais. Grande parte da literatura sobre o Nomadismo Digital (ND) está fragmentada e dispersa por diferentes disciplinas e perspectivas, com uma forte incidência nos estilos de vida dos nômades digitais.
Shawkat <i>et al.</i> (2021)	É necessária mais investigação empírica sobre nômades digitais, uma vez que este tópico de pesquisa tem um impacto significativo no futuro do trabalho remoto.
Situmorang e Karthana (2021)	Resultados dos destinos de nomadismo digital nas zonas rurais ainda são muito escassos entre os acadêmicos. O nomadismo digital baseado em produtos de turismo rural é viável de desenvolver na aldeia de Tegalmengkeb, especialmente em Banjar Kelecong Kelod, através da de uma ligação adequada à Internet e da construção de co-espacos.
Voll, Gauger e Pfnür (2022)	Existe uma grande lacuna de conhecimento na literatura sobre estas atividades de trabalho e lazer.
Eager, Maritz e Millemann (2022)	Há muitas oportunidades para a crescente economia do nomadismo digital. Através do planejamento estratégico e do investimento, as regiões podem potencialmente desenvolver centros que sejam atrativos para ND em idade madura, e assim lucrar com o aumento do seu patrocínio. A consciência acadêmica sobre essa questão é fraca e em grande parte invisível.
Smith <i>et al.</i> (2022)	Com as organizações adotando arranjos de trabalho mais flexíveis - principalmente o teletrabalho - elas podem não ser capazes de realizar atividades de lazer tradicionalmente estruturadas e presenciais no local de trabalho e, da mesma forma, os benefícios sociais de atividades de lazer interativas conjuntas podem estar ausentes da vida diária dos funcionários. Para combater isso, é prudente que as organizações capacitem os funcionários a capitalizar a flexibilidade de trabalhar em casa, participando de atividades de lazer mais desestruturadas durante o dia de trabalho



Parreño-Castellano <i>et al.</i> (2022)	Nômades digitais não constituem um fluxo de pessoas privilegiadas, mas uma mobilidade como a do turismo, relacionada à diferença de renda internacional. A consolidação do nomadismo digital durante a pandemia está associada às políticas de turismo realizadas pelos destinos, ações que não valorizaram a falta de interesse na sustentabilidade.
Cook (2023)	Há 5 tipos distintos de nômades digitais: autônomos; proprietários de empresas nômades digitais; nômades digitais assalariados; nômades digitais experimentais e nômades digitais de poltrona. 6 temas-chave variáveis podem ser aplicados a essas classificações: autonomia sobre mobilidade; práticas de home office; viagens domésticas versus transnacionais; legitimidade legal; equilíbrio entre vida pessoal e profissional e uso de espaço compartilhado de trabalho.
Zerva; Huete e Segovia-Pérez (2023)	Vários destinos têm reorientado suas estratégias de marketing e se apresentam como destinos "amigáveis aos nômades digitais", com condições ideais para viver e trabalhar. Os espaços urbanos foram os primeiros a reagir a essa nova demanda devido aos padrões de infraestrutura existentes, enquanto os territórios rurais entraram no jogo sem muita preparação devido à necessidade de escapar dos efeitos da pandemia, considerados como áreas isoladas e seguras.
Colomb e Gallent (2022)	A pandemia acelerou as tendências de contra-urbanização pré-existentes, com implicações para a disponibilidade e acessibilidade da habitação em várias partes da Europa. Atualmente, existe uma enorme pressão sobre os governos (locais) em toda a Europa, na América do Norte e na Austrália - para conceberem regulamentos que estejam à altura de gerir as externalidades resultantes da pressão dos visitantes e das mudanças no mercado da habitação. Estão a ser formuladas algumas políticas que oferecem respostas arrojadas a questões muito complexas, algumas das quais desafiam os direitos de propriedade estabelecidos, a fim de reequilibrar os interesses coletivos e privados.

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Unanimemente, os trabalhos sinalizam os nômades digitais, como profissionais-viajantes, livres e autônomos, que constantemente precisam saber equilibrar lazer com trabalho e disciplina, conciliando necessidades pessoais com as profissionais e coletivas. Em síntese, os resultados apresentados, demonstraram que existem poucas pesquisas teórico-empíricas desenvolvidas, sendo que dessas, a maioria está concentrada principalmente em países do Norte Global. São estudos de casos qualitativos e do tipo exploratório que não detalham as condições de trabalho dos nômades digitais de uma forma que permita classificá-las, nos moldes da perspectiva crítica, como (in)digno ou (in)decente. Em outras palavras, os trabalhos analisados camuflam formas de exploração e precariedade, replicando a ausência de mecanismos de regulação e garantias da força de trabalho no turismo. Permanecem incipientes, as discussões sobre os significados sociológicos dessas dicotomias, consequências e contradições emergentes desse contexto de (hiper)mobilidades físicas e virtuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo cumpriu seu objetivo principal de apresentar um panorama da pesquisa sobre nomadismo digital associado às perspectivas de trabalho no turismo nesta era de incertezas intensificadas com a pandemia de Covid-19. Especificamente, investigou-se se questões mais críticas acerca das perspectivas laborais no setor são contempladas no corpo de estudos sobre o tema na



literatura do Turismo. A demonstração e discussão dos resultados de pesquisa em confronto com o referencial teórico permitiram responder com uma negação, a questão-problema deste estudo.

A noção de precariedade das dinâmicas laborais impulsionada pela pandemia, que se caracteriza pela expressiva informalidade, violação de direitos humanos fundamentais, exploração e pouca valorização da força de trabalho, se opondo à noção de trabalho digno, decente e seguro apresentada por teóricos das Ciências Humanas, praticamente não é contemplada na literatura do Turismo. Isso favorece a criação de novos obstáculos à organização do trabalho e ao desenvolvimento sustentável no setor.

Foi constatado que a maioria das pesquisas analisadas, a partir da RSL aqui empreendida, são revisões conceituais e sinalizam que a definição do trabalhador nômade digital ainda está em construção, inexistindo consenso conceitual na literatura do Turismo. Até o momento, há poucas pesquisas teórico-empíricas desenvolvidas, sendo que destas, a maioria está concentrada principalmente em países do Norte Global e se caracterizam como estudos de casos do tipo exploratório, fragmentados e pouco críticos, que se valendo de abordagem qualitativa e não oferecendo uma perspectiva longitudinal, entregam resultados, muitas vezes não generalizáveis. Adotando uma lógica de replicação de conceitos e métodos, esses estudos mais seguem ou tentam copiar padrões da literatura tradicional do que lideram, propondo conceitos e abordagens teórico-metodológicas originais às áreas do conhecimento mais tradicionais. Eles apenas confirmam e reforçam argumentos amplamente conhecidos entre teóricos da área, ao invés de fomentar o debate crítico (realista e não romântico) dos aspectos laborais associados ao nomadismo digital, sobretudo neste tempo de incertezas agravados com a pandemia do Covid-19.

Unanimemente, os trabalhos analisados a partir da RSL, sinalizam os nômades digitais como profissionais-viajantes, livres e autônomos, camuflando formas de exploração e precariedade na prestação de serviços envolvendo os diferentes segmentos turísticos. Não abordam problemas e desafios enfrentados pelos trabalhadores, decorrentes, sobretudo da ausência de mecanismos de regulação, amparo e proteção legal e oferta de garantias pautadas no cumprimento de direitos fundamentais da força de trabalho.

Um olhar romântico e superficial direcionado às dinâmicas laborais dos nômades digitais no setor turístico parece restringir os seus desafios ao desenvolvimento de competências, que empoderem esses trabalhadores, munindo-os de conhecimento e disciplina para que saibam constantemente conciliar as dinâmicas de lazer com as de trabalho, bem como, as suas necessidades pessoais com as profissionais e coletivas. Por outro lado, permanecem quase ausentes ou incipientes, as discussões sobre os significados sociológicos dessas subjetividades, as consequências e contradições construídas, a partir desse contexto de (hiper)mobilidades físicas e virtuais, que rapidamente se alteram.



Esse panorama se deve ao fato de o turismo, como campo de conhecimento relativamente novo, ter se originado a partir do realce dado aos benefícios econômicos decorrentes da sua exploração como atividade econômica, que justificaria a intervenção científica para compreendê-lo melhor também como um fenômeno multidimensional. Os programas de graduação e pós-graduação em Turismo tanto no Brasil quanto no exterior, parecem se sustentar e se nutrir do argumento central de que o turismo é uma atividade econômica, resiliente, com alto poder de regeneração, capaz de gerar milhares de postos de trabalhos em vários segmentos, gerando renda, que por conseguinte dinamiza significativamente a economia dos países, mesmo em tempos de crise e incerteza. Assim, o apontamento de qualquer diagnóstico (mesmo respaldado por dados realísticos e credíveis) que contrarie essa consideração é distorcidamente visto como ameaça ao progresso da atividade econômica, que justifica a necessidade de expansão do campo do conhecimento em Turismo.

Some-se a isso o fato de a base teórico-metodológica de grande parte da investigação sobre o tema aqui discutido ser limitada pela adesão à ortodoxia ideológica, ontológica e epistemológica ocidental, mesmo quando o contexto da investigação exige o reconhecimento de particularidades territoriais, bem como de costumes sociais e culturais do Sul Global. Alargar as fronteiras, de forma a permitir que o contexto da investigação possa orientar a teoria, propondo novos olhares mais críticos, capazes de estimular (re)pensares e (re)definições é inteiramente possível para os acadêmicos que investigam os desafios e riscos enfrentados pela força de trabalho no setor e seria um sinal claro de maturidade, garantindo mais credibilidade e avanços práticos e teóricos para o setor.

Este estudo apresenta como principais limitações a escolha de uma única base de dados e o número reduzido de estudos analisados a partir da RSL. Contudo, os resultados apresentados sinalizam oportunidades de maiores investimentos de pesquisa a abordagens temáticas ainda superficiais e pouco críticas. Para suprir lacunas na própria literatura do Turismo, futuras pesquisas podem, por exemplo, se debruçar sobre práticas de trabalho no setor turístico (conhecidas como historicamente precárias), relacionando-as com as experiências de trabalhadores antes, durante e depois da pandemia. Semelhantemente, projeções relacionadas às perspectivas de trabalho no turismo em curto, médio e longo prazo são oportunas. De toda forma, os turismólogos e acadêmicos que se desafiem a diagnosticar e compreender melhor o contexto de crise, envolvendo as dinâmicas laborais nesta era de incertezas, precisam ter uma noção mais crítica e se posicionarem mais claramente para propor soluções em prol da sustentabilidade, da justiça e bem-estar social de trabalhadores no setor.

REFERÊNCIAS

AIRES, J.D.M.; COSTA, C. M. M.; BRANDÃO, A.F.F.A. Rumo a um conceito de inovação no turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. 1-21, 2022.



- ALMEIDA, M.A.; CORREIA, A; SCHNEIDER, D.; DE SOUZA, J.M. COVID-19 as Opportunity to Test Digital Nomad Lifestyle. In: 2021 IEEE 24th International Conference on Computer Supported Cooperative Work in Design. **Anais [...]**. Dalian, China, IEEE, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1109/CSCWD49262.2021.9437685>
- ANTUNES, R. **Coronavírus**. O trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo, 2020. [Ebook]
- ANTUNES, R; BRAGA, R. **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009
- BARBOSA, F. T.; LIRA, A. B.; OLIVEIRA, O. B. de; SANTOS, L. L.; SANTOS, I. O.; BARBOSA, L. T.; RIBEIRO, M. V. M. R.; RODRIGUES, C. F. de S. Tutorial for performing systematic review and meta-analysis with interventional anesthesia studies. **Revista Brasileira De Anestesiologia**, v.69, n. 3, p.299–306, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bjane.2019.03.003>. Acesso em: 12 mai 2024.
- BAUM, T.; CHEUNG, C.; KONG, H.; KRALJ, A.; MOONEY, S.; RAMACHANDRAN, S; SIOW, M. L. Sustainability and the tourism and hospitality workforce: A thematic analysis. **Sustainability**, v.8, n.8, 2016. Disponível em: <http://10.3390/su8080809>. Acesso em: 10 jun 2024.
- COOK, D. The freedom trap: digital nomads and the use of disciplining practices to manage work/leisure boundaries. **Information Technology & Tourism**, v. 22, p. 355-390, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00172-4> Acesso em: 20 dez. 2024.
- COOK, D. What is a digital nomad? Definition and taxonomy in the era of mainstream remote work. **World Leisure Journal**, v. 65, n. 2, p. 256–275, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/16078055.2023.2190608>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- COLOMB, C.; GALLEN, N. As mobilidades pós-COVID-19 e a crise da habitação nos destinos urbanos e rurais europeus: desafios políticos e agenda de pesquisa. **Planning Practice & Research**, v.37, n.5, p. 624-641, 2022.
- DANTAS, A.V.S. **Uma análise sobre a relação turismo e pobreza no Rio Grande do Norte**. Monografia (Graduação em Turismo) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- DI FABIO, A.; MAREE, J. G. Using a transdisciplinary interpretive lens to broaden reflections on alleviating poverty and promoting decent work. **Frontiers in Psychology**, v.7, n.503, 2016.
- DREHER, N.; TRIANDAFYLLIDOU, A. Digital Nomads: Toward a Future Research Agenda. **Working Paper**, v. 2023, n.04, p. 407–425, 2023.
- EAGER, B.; MARITZ, A.; MILLEMANN, J. The silver economy on wheels: a narrative review of the mature-aged, hypermobile gig worker phenomena. **Small Enterprise Research**, v.29, n.1, p.68-85, 2022.
- EDWARDS P.; CLARKE, M.; DIGUISEPPI, C.; PRATAP, S.; ROBERTS, I.; WENTZ, R. Identification of randomized controlled trials in systematic reviews: accuracy and reliability of screening records. **Stat. Med. J.**, v.21, n.11, p.1635–1640, 2002.
- FELIZARDO, K. M.; NAKAGAWA, E. Y.; FABRI, S. C. P. F.; FERRARI, F. C. **Revisão sistemática da literatura em engenharia de software**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- FLECKER, J. **Space, place and global digital work**. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- GOMES, N.S. **Nômades digitais**: quem são estes novos turistas? Dissertação (Mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos). Universidade de Évora. Évora. 2019.
- HANNONEN, O. In search of a digital nomad: defining the phenomenon. **Information Technology & Tourism**, v. 22, n. 1, p. 335-353, 2020.



- HERMANN, I.; PARIS, C.M. Digital Nomadism: the nexus of remote working and travel mobility. **Information Technology & Tourism**, v. 22, p. 329–334, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00188-w>. Acesso em 20 dez. 2024.
- IRVING, M.A.; COELHO, A.M.; ARRUDA, T.O. Turismos, sustentabilidades e pandemias: Incertezas e caminhos possíveis para planejamento turístico no horizonte da Agenda 2030. **Revista acadêmica Observatório de Inovação do turismo**, v. 14, n. 4, p. 73-105, 2020.
- KRAUS, S.; BREIER, M.; DASÍ-RODRÍGUEZ, S. The art of crafting a systematic literature review in entrepreneurship research. **International Entrepreneurship and Management Journal**, p. 1–20, 2020.
- KORPELA, M. Searching for a countercultural life abroad: neonomadism, lifestyle mobility or bohemian lifestyle migration? **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.46, n.15, p.3352-3369, 2020.
- LADKIN, A. Exploring tourism labor. **Annals of Tourism Research**, v.38, n.3, p.1135–1155, 2011.
- LIMA, J. C.; BRIDI, M. A. O trabalho digital e os trabalhadores. In: BRIDI, M. A.; LIMA, J. (Orgs.) **Flexíveis, virtuais e precários?** Os trabalhadores em tecnologia da informação. Curitiba: Editora da UFPR, 2018, p.264-267.
- LIMA, J. C.; OLIVEIRA, D. R. Trabalhadores digitais: as novas ocupações no trabalho informacional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 1, p.115-143, jan./abr. 2017.
- LIMA, J. C.; BRIDI, M. A. da C. TRABALHO DIGITAL E EMPREGO: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. **Caderno CRH**, [S. l.], v. 32, n. 86, p. 325–341, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/30561>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- MANCINELLI, F. Digital nomads: freedom, responsibility and the neoliberal order. **Information Technology & Tourism**, v. 22, p. 417-437, 2020.
- MELIANI, P.F. Turismo e Trabalho no Brasil: o perfil da força de trabalho ocupada no turismo brasileiro no contexto contemporâneo de flexibilização das relações de trabalho. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 9, n. 1, p. 90-108, 2021.
- OLIVEIRA, D. R. **Do fim do trabalho ao trabalho sem fim:** o trabalho e a vida dos trabalhadores digitais em Home Office, 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) - UFSCar, São Carlos, 2017.
- OREL, M. Coworking environments and digital nomadism: balancing work and leisure whilst on the move. **World Leisure Journal**, v. 61, n. 3, p. 215-227, 2019.
- PARREÑO-CASTELLANO, J.; DOMÍNGUEZ-MUJICA, J.; MORENO-MEDINA, C. Reflections on Digital Nomadism in Spain during the COVID-19 Pandemic -Effect of Policy and Place. **Sustainability**, v.14, 16253, 2022.
- PAULA, A. T. de. **Trabalhadores em situação de intensa precariedade.** REL-UITA, 2018. Disponível em: <http://www.rel-uita.org/br/trabalhadores-em-situacao-de-intensa-precariedade/>. Acesso em 20 jul. 2024.
- PEQUENO, E.P. **Capacidade institucional e execução orçamentária do ministério do turismo:** uma análise a partir da teoria do equilíbrio pontuado. Tese (Doutorado em Turismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.
- RIFKIN, J. **Sociedade com custo marginal zero.** A internet das coisas, os bens comuns colaborativos e a eclipse do capitalismo. São Paulo: M. Books, 2016.
- ROSEN, M. **Dignity:** Its history and meaning. Harvard University Press, 2012.



SANTOS, A. P. S.; AIRES, J. D. M. Panorama da pesquisa sobre nomadismo digital associado ao turismo no contexto da pandemia do Covid-19: revisão sistemática da literatura. **Revista Turismo Estudos e Práticas - RTEP**, v. 13, n. 1, p.1-18, 2024.

SHAWKAT, S.; ABD ROZAN, M.Z.; BT SALIM, N.; SHEHZAD, H.M.F. Digital Nomads: A Systematic Literature Review. In: **7th International Conference on Research and Innovation in Information Systems**, 2021.

SITUMORANG, F.; KARTHANA, E. T. Redesign rural tourism product based digital nomadism postpandemic COVID-19 in Bali. **Jurnal Kepariwisata: Destinasi, Hospitalitas dan Perjalanan**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 1-15, 2021.

SMITH, T. A.; BUTTS, M. M.; COURTRIGHT, S. H.; DUERDEN, M. D.; WIDMER, M. A. Work–leisure blending: An integrative conceptual review and framework to guide future research. **Journal of Applied Psychology**, v.107, n.4, p. 560–580, 2022.

VOLL, K.; GAUGER, F.; PFNÜR, A. Work from anywhere: traditional workation, coworkation and workation retreats: a conceptual review. **World Leisure Journal**, v. 65, n. 2, p. 150, 174, 2022.

WILLMENT, N. The travel blogger as digital nomad: (Re)imagining workplace performances of digital nomadism within travel blogging work. **Information Technology & Tourism**, v. 22, p. 91-416, 2020.

WINCHENBACH, A.; HANNA, P.; MILLER, G. Rethinking decent work: the value of dignity in tourism employment, **Journal of Sustainable Tourism**, v.27, n.7, p.1026-1043, 2019.

ZERVA, K.; HUETE, R.; SEGOVIA-PÉREZ, M. Digital Nomad Tourism: The Experience of Living at the Destination. In: NEGRUÇA, A. L.; COROÇ, M. M. (Org.). **Remodelling Businesses for Sustainable Development**. ICMTBHT 2023. [s.l.]: Springer Proceedings in Business and Economics, 2023.